

# EXPERIÊNCIAS DE AÇÕES CULTURAIS EDUCATIVAS NA PASSAGEM PEDREIRINHA DO GUAMÁ EM BELÉM-PARÁ

*EXPERIENCES OF CULTURAL EDUCATIVE ACTIONS  
AT THE 'PASSAGEM PEDREIRINHA DO GUAMÁ' IN  
BELÉM-PARÁ*

**Clélio Palheta Ferreira**  
**Carmem Izabel Rodrigues**  
Universidade Federal do Pará

## Resumo

Este artigo objetiva analisar as ações culturais educativas como complementares à educação formal, junto a crianças, adolescentes e adultos que participam de manifestações de cultura popular na Passagem Pedreirinha do Guamá, em Belém-Pará, com a utilização de métodos especiais ou práticas de transmissão de saberes entre esses participantes, bem como a análise de relações de sociabilidade, através de eventos festivos observados no espaço da rua, e que se ampliam pela inclusão de relações rua/casa ou espaço público/privado e vice-versa. A pesquisa etnográfica, iniciada em 2007, revela que os participantes desses processos de interação estabelecem e ampliam relações com amigos, parentes, vizinhos e chegados, reforçando a percepção de novas perspectivas de vida, além de consolidarem suas identidades com a cultura popular, a rua e o bairro onde residem.

**Palavras-chave:** Ação educativa; Cultura popular; Sociabilidade.

## Abstract

This paper aims at analyzing the cultural educative actions as complement to the formal education, involving children, adolescents and adults which take part in manifestations of popular culture at *Passagem Pedreirinha do Guamá*, in Belém-Pará, by means of special methods or practices which transmit knowledge among the participants as well as the analysis of sociability relations through festive events observed in the street space, which are enlarged by the inclusion of relation between street/home or public/private space and vice versa. The ethnographic research, started in 2007, reveals that the participants of these processes of interaction establish and broaden relationships with friends, relatives, neighbors and newcomers, reinforcing the perception of new perspectives of life and consolidate their identities with popular culture, the street and the district where they live.

**Keywords:** Educative action; Popular culture; Sociability.

## Introdução

Este artigo apresenta alguns resultados do projeto de pesquisa intitulado “Festas populares em Belém: sociabilidade festiva e práticas culturais em espaço urbano”, desenvolvido junto à PROPESP/UFPA (2007-2008)<sup>34</sup>, cuja continuidade resultou em dissertação de mestrado<sup>35</sup>. Objetiva a análise de ações culturais educativas como complementares à educação formal de crianças, adolescentes e adultos participantes de manifestações culturais na Passagem Pedreirinha do Guamá, em Belém-PA, destacando-se os métodos especiais ou práticas de transmissão de saberes aos seus participantes, através de redes de sociabilidade local. Destaca as relações entre espaço público e sociabilidade, enfatizando as possibilidades de geração de formas de interação a partir da participação dos sujeitos e grupos nas diversas manifestações da cultura popular<sup>36</sup> no bairro, como os eventos carnavalescos e juninos, visualizadas não somente em seu aspecto lúdico, mas também em ações geradas a partir desse contexto.

O estudo concentra-se na passagem Pedreirinha do Guamá, localizada na Avenida José Bonifácio, perímetro compreendido entre as Ruas Silva Castro e Barão do Igarapé-Miri, em Belém. Durante todo o ano, os moradores desenvolvem um conjunto de práticas culturais em um ambiente de convivência muito interessante, expresso em formas de cortejos carnavalescos e juninos, e ainda, religiosos, os quais produzem e/ou decorrem de uma intensa convivência entre os participantes, ligados entre si através de redes de sociabilidade pautadas nessas relações. Isso se dá particularmente nos períodos de preparação e realização de eventos ligados ao carnaval e à quadra junina, com atividades que ocorrem tanto na rua (passagem) propriamente dita quanto no interior das instalações da Escola de Samba Bole-Bole, incluindo-se atividades e oficinas de preparação para o desfile oficial promovido anualmente pela Prefeitura Municipal de Belém. Inserem-se ainda nesse contexto as atividades relativas ao Bloco Carnavalesco Mexe-Mexe, que participa do concurso oficial promovido por órgãos componentes da estrutura da prefeitura em sua categoria e promove atividades como a festa de São Pedro e São Paulo, no período junino.

---

<sup>34</sup> Ver RODRIGUES, 2007.

<sup>35</sup> Ver FERREIRA, 2012.

<sup>36</sup> O termo cultura popular, amplamente disseminado entre escritores, historiadores e antropólogos, apoia-se em Peter Burke (1989), que parte da definição de cultura de Kroeber e Kluckhohn (1952), como “um sistema de significados, atitudes e valores partilhados e as formas simbólicas (apresentações, objetos artesanais em que eles são expressos ou encarnados)” e utiliza a definição Gramsci (1975) de cultura popular como “a cultura das classes subalternas”, implicando em entender o mundo de uma forma diferente da cultura oficial, de elite e, portanto, opondo-se a ela. Burke (1989) e Ginzburg (1987) apoiando-se no conceito de circularidade (Bakhtin, 1999 [1977]), afirmam que não há apenas separação, oposição e conflito, mas também continuidade e compartilhamento de ideias e influências recíprocas entre os segmentos dominantes e subalternos de uma sociedade.

Considera-se fundamental o envolvimento das pessoas nos eventos que ocorrem na passagem, particularmente no que concerne às atividades da Escola de Samba Bole-Bole; do Boi Bumbá Malhadinho do Guamá; da Escola de Samba Mirim Frutos do Xequerê; e do Bloco Carnavalesco Mexe-Mexe Destaca-se a participação, em seus ensaios, oficinas e desfiles, de moradores da passagem ou oriundos de outras ruas do bairro do Guamá ou ainda de outros bairros de Belém. Nesse contexto, incluem-se as atividades preparativas para esses eventos, em que se destaca a participação em redes de sociabilidade envolvendo parentes e amigos (MAGNANI, 1996, RODRIGUES, 2008)<sup>37</sup>.

Embora tenha sido também notada, nos últimos anos, segundo depoimentos de alguns moradores da passagem diretamente envolvidos nas práticas culturais no bairro, uma redução das atividades promovidas durante o ano pela escola de samba Bole-Bole, é possível afirmar que, sempre que acontecem, abrangem um número bastante significativo de pessoas. Portanto, o espaço de sua sede está sempre ocupado pelas manifestações culturais populares ali existentes. Trata-se de um espaço que pode ser visualizado como uma extensão da própria rua, na medida em que nele ocorrem atividades culturais que se iniciam nela, como manifestações espontâneas, e se inserem nas atividades que ocorrem no interior da escola de samba. Dessa maneira, o espaço do Bole-Bole é utilizado pelos moradores da passagem, para eventos diversos, para os quais sua direção, sempre que possível, concede o uso das instalações existentes.

Essas atividades incluem, de um lado, a produção de indumentárias usadas nas manifestações culturais, assim como a organização de oficinas para ensaios de ritmos e danças, trabalhos esses desenvolvidos pelos moradores e seus familiares, de modo geral, residentes na passagem, sendo esses ensaios realizados muitas vezes na rua. De outro lado, incluem possibilidades de trocas, entre produtores, de materiais necessários à realização dos eventos, além de outras alternativas. Nesse sentido, assume importância significativa a transmissão de saberes através de métodos especiais, principalmente quando se trata do envolvimento de crianças e adolescentes.

Como consequência disso, as relações estabelecidas entre as pessoas compreendem convivências que se multiplicam no tempo e no espaço, o que corresponde a formas de sociabilidade percebidas no processo de interação entre elas. Além da ligação com os eventos culturais propriamente ditos, as ações daí resultantes interferem no processo de desenvolvimento da cidadania dos participantes, especialmente quando atuam no sentido de complementar a educação oficial oferecida nas escolas do bairro, pois a participação nos eventos festivos é regulada por um controle do desempenho escolar das crianças e adolescentes. Conforme demonstram os

---

<sup>37</sup> A escola de samba Bole-Bole possui um espaço coberto, constituído de equipamentos como palco, bar e sanitários, onde são realizadas atividades culturais e, de algum modo, observa-se a participação criativa dos moradores da passagem e até do bairro do Guamá ou ainda de outros bairros da capital paraense que para lá se deslocam.

registros etnográficos, a isso correspondem processos de transmissão de saberes sobre os papéis de cada um no respectivo evento, e provoca-lhes o interesse em continuar participando, através de processos de identidade e pertencimento ligados à rua e ao bairro em que residem<sup>38</sup>.

### As manifestações culturais da Passagem Pedreirinha do Guamá

A pesquisa de campo iniciou-se em março de 2007, tendo sido coletados inicialmente elementos do carnaval de rua de Belém, face à relação com a escola de samba e com o bloco carnavalesco existentes na passagem Pedreirinha. Buscou-se com isso a relação entre a importância do carnaval de rua da cidade com o surgimento de manifestações carnavalescas no bairro do Guamá, especialmente o caso do desenvolvimento de atividades ligadas à Escola de Samba Bole-Bole e, de alguma forma, ao Bloco Carnavalesco Mexe-Mexe, por sua relação com a festa de São Pedro e São Paulo, realizadas durante a quadra junina.

É importante notar que o interesse provocado pelo carnaval de rua de Belém evidenciava a necessidade de se deslocar a atenção para o bairro do Guamá, um dos bairros mais populosos da cidade e que não possuía nenhuma escola de samba de destaque a participar do desfile oficial promovido pela Prefeitura, apenas tendo como referência o Bloco Carnavalesco União Guamaense, do qual poucas notícias eram veiculadas na imprensa. Segundo relata Oliveira (2006), o bairro do Guamá só viria a ser destaque no noticiário carnavalesco com a Escola de Samba Arco-Íris, que entrou em atividades a partir de sua fundação, em março de 1982<sup>39</sup>, e que viria a marcar a origem da atual Escola de Samba Bole-Bole, em 1984, como bloco carnavalesco.

Sobre a história da Escola de Samba Bole-Bole, sediada na Passagem Pedreirinha, foi realizada uma entrevista com Herivelto Martins (Vetinho) e coletadas algumas informações jornalísticas. Foi possível observar em tais referências que essa escola de samba desenvolve, desde sua fundação, várias atividades de incentivo e desenvolvimento da cultura popular na referida passagem, funcionando como um espaço cultural de referência no “pedaço” (MAGNANI, 1996), cabendo destacar, nesse sentido, as primeiras oficinas relacionadas ao Projeto de Resgate do Boi Malhadinho do Guamá (1989), hoje

sediado na passagem Pedreirinha, na residência de Raimundo Soares, sob coordenação de suas filhas Socorro, Lourdes, Dora e Teca Soares, e de seus genros, especialmente, Evaldo Gomes, artesão e criador de indumentárias e alegorias do referido cordão junino; a realização de ensaios e oficinas ligadas ao Projeto Xequerê, de onde surgiu a Escola de Samba Mirim Frutos do Xequerê, que iniciou suas atividades nas dependências do Bole-Bole, voltadas para o atendimento de crianças e adolescentes, e que gerou “frutos” bastante significativos no alcance de seus objetivos. É importante referir também, nas atividades desenvolvidas nessas manifestações, a participação, produção e coordenação de Nazareno Silva, músico profissional e pesquisador da cultura popular no Pará, falecido em 2009.

A pesquisa etnográfica acompanhou as atividades da Escola de Samba Bole-Bole, do Bloco Carnavalesco Mexe-Mexe, da Escola de Samba Mirim Frutos do Xequerê e do Cortejo de Boi Bumbá Malhadinho do Guamá, realizando entrevistas com pessoas ligadas a essas agremiações. Cabe ainda registro especial à festa de São Pedro e São Paulo, realizada há 55 anos na passagem Pedreirinha, ligadas atualmente ao Bloco Carnavalesco Mexe-Mexe. Tais informações foram coletadas junto à moradora de maior referência na passagem quanto ao evento, Dona Elza Corrêa, e seu filho Ladeomar Corrêa, conhecido como “Branco”, por suas relações com a realização da festa.

Todas as referências citadas estão pautadas em entrevistas realizadas com pessoas residentes ou não na passagem, e demonstram a importância das relações entre a promoção de manifestações culturais e a geração de formas de sociabilidade entre os sujeitos envolvidos nesses processos de interação. Destacam-se ainda as possibilidades do desenvolvimento de ações que não se limitam apenas ao lúdico, mas também possibilitam, nas relações existentes, “práticas coletivas de uso, consumo, apropriação e produção de sentido dos espaços públicos urbanos”, através das quais os participantes “constroem processos de identificação e (re) constroem identidades articuladas à localidade do bairro e, ao mesmo tempo, a contextos mais amplos relativos à cidade” (RODRIGUES; FERREIRA, 2008, p.1).

No caso da festa de São Pedro e São Paulo, destacam-se suas relações com o contexto em análise, pois nesse evento pode-se perceber a questão da sociabilidade festiva enquanto forma de ação, vista mais claramente na relação com o espaço urbano, ou seja, o espaço da rua, transformada nos dias da festa em “espaço cultural apropriado por uma rede de usuários coletivos que nela circulam”. Nesse sentido, é possível visualizar a relação com o carnaval, evidenciada no fato de as agremiações carnavalescas contribuírem de algum modo para que o referido evento, composto de características juninas e religiosas, possa se realizar<sup>40</sup>.

De uma forma geral, as entrevistas gravadas no trabalho de campo permitiram a observação e percepção

<sup>38</sup> Stuart Hall (2000 [1992]) e Zigmunt Bauman (2001; 2012 [1975]), entre outros, discutem os processos de produção das identidades culturais na modernidade e em contexto de globalização. Sobre as identidades culturais ligadas às localidades de bairro, ver Costa (1999) sobre o bairro de Alfama, em Lisboa, e Rodrigues (2008) sobre o bairro do Jurunas, em Belém.

<sup>39</sup> Cf. Oliveira (2006, p. 149). Este autor destaca a Arco-Iris como “uma nova escola de samba que integraria o grupo principal e já nascera com estrutura de potência, disposta a acabar com a supremacia do Rancho Carnavalesco Não Posso me Amofiná” (escola de samba mais antiga do carnaval paraense, fundada em 1934), então tetra-campeão do carnaval de rua de Belém. O Bloco Carnavalesco Bole-Bole originaria a atual Escola de Samba do mesmo nome, segundo Oliveira, objetivava “atender e integrar os guamaenses de menor poder aquisitivo, sem condições de desfilar na ‘luxuosa’ Arco-Iris”.

<sup>40</sup> Por exemplo, nos últimos anos, tem-se recorrido às possibilidades de relações abertas pelo Bloco Carnavalesco Mexe-Mexe com os órgãos responsáveis pela área cultural do município de Belém, com a finalidade de serem negociados alguns apoios logísticos para a realização da festa.

dos envolvimento e identidades dos moradores da passagem com as manifestações culturais estudadas, sejam carnavalescas ou juninas, assim como com a realização da festa de São Pedro e São Paulo, considerando-se ainda a relação que essas pessoas demonstram ter com os eventos culturais ocorridos na passagem e no bairro do Guamá.

Relaciona-se o *locus* de estudo com a análise de Agier (1998) sobre os espaços da cidade, as identidades urbanas e as formas de sociabilidades, em relação às culturas que “estão na base do apego aos lugares urbanos”, bem como na “reprodução ou reinvenção dos laços sociais” como lá ocorre (p. 45). Ou ainda quando esse autor refere “a identidade cultural” como “fonte de mobilização popular em zonas rurais” e, nos meios urbanos, “como fator de encadeamento ou reforço dos processos identitários”. Nesse sentido, ressalta-se também o fato de “a cidade (ou um bairro, ou uma rua como a Passagem Pedreirinha do Guamá) multiplicar os encontros de indivíduos que trazem consigo seus pertencimentos étnicos, suas origens regionais ou suas redes de relações familiares ou extrafamiliares” (RODRIGUES, 2008, p. 52).

As entrevistas realizadas com moradores da Passagem Pedreirinha destacam as práticas culturais contidas nos cortejos ou eventos dos quais participam. Indicam também a existência do recurso político e econômico, sempre que possível, particularmente, quando permitem a exposição da passagem perante o bairro do Guamá ou a cidade de Belém. Além disso, por destacarem que os próprios moradores procuram se relacionar, sempre que necessário, através de arranjos associativos baseados na existência dessas práticas culturais para se divertirem, considerando-se o aspecto lúdico dessas manifestações, mas também para agirem no sentido do fortalecimento de suas cidadanias, abrindo espaços nos processos de interação que resultam em efeitos de inclusão social, no bairro do Guamá e na cidade de Belém, ou até em universo mais amplo que esses, assim como para reivindicarem a melhoria da rua ou de seu leito perante os órgãos oficiais responsáveis.

A Passagem Pedreirinha do Guamá tem lugar destacado nas representações sobre o bairro que, por sua vez, apresenta uma série de alternativas para a pesquisa da sociabilidade ou qualquer outro assunto que abranja as questões sociais de modo geral, haja vista que se trata de um bairro considerado como um dos mais violentos da cidade de Belém, destacando-se os excessos na ênfase, especialmente da imprensa, dada aos acontecimentos ligados à violência urbana em todas as suas nuances. Ao mesmo tempo, é um dos bairros mais significativos na expressão da cultura popular e suas manifestações, que, mesmo com uma série de dificuldades, consegue, felizmente, envolver a maioria da população residente no bairro. Nesse contexto, a Passagem Pedreirinha é reconhecida por sua identificação com as manifestações da cultura popular no Guamá e em Belém, reforçando “a produção de relações, valores e experiências atuais [que são] fundamentais para a transmissão da tradição” através da relação com a cultura popular que lá se produz (RODRIGUES, 2008, p.58).

Esses aspectos permitem notar as relações de interação entre os moradores, especialmente, na produção de

eventos culturais carnavalescos ou juninos existentes na passagem. Isso tudo parece confirmar também as afirmações de Rodrigues quando à importância central do conceito de sociabilidade (SIMMEL, 1983) para se entender, “no contexto da cidade ou de um bairro [como o Guamá] ou de uma rua [como a Pedreirinha], as redes de relações estabelecidas [...] assim como os processos de construção das identidades em espaço urbano com base na localidade do bairro” (RODRIGUES, 2008, p.57-58). Nesse sentido, a etnografia na Passagem Pedreirinha do Guamá destaca as relações que as práticas culturais permitem, enquanto proporcionam identidade aos seus moradores e/ou usuários, gerando novas formas de sociabilidade e processos de interação, cujas ações culturais educativas contribuem para o reforço de suas cidadanias.

### A metodologia da pesquisa

Na metodologia de pesquisa, adotou-se a sugestão de Magnani (2002) quanto ao ponto de partida que deve embasar as decisões dos investigadores e planejadores, ou seja, deve-se “partir dos atores sociais não como elementos isolados, dispersos e submetidos a uma inevitável massificação [...] mas em esferas de trabalho, religiosidade, lazer, cultura, estratégias de sobrevivência”, considerando esses atores como “responsáveis por sua dinâmica cotidiana” (p.9). Isso significa considerar os “diferentes e criativos arranjos coletivos: seu comportamento na paisagem da cidade” (do bairro e da Passagem Pedreirinha), tendo em vista os padrões culturais que isto sugere e o reforço à personalidade de seus participantes, principalmente, crianças e adolescentes. Nesse sentido são considerados “os ordenamentos particularizados”, bem como “as regularidades” que acontecem nas práticas cotidianas dos moradores da passagem, principalmente aquelas voltadas para a realização dos eventos e práticas onde flui a sociabilidade.

É preciso notar que os membros da comunidade “se conhecem, mantêm relações face a face” e, de algum modo, “estão ligados por padrões de troca interpessoais” (p. 9-10), conforme revelam as entrevistas realizadas e a observação das práticas cotidianas, assim como dos acontecimentos como aniversários ou encontros de amigos, regados a uma boa música, que, não raras vezes, acontecem no *locus* de estudo, onde se observa essa intensa convivência.

A Passagem Pedreirinha apresenta-se assim como um “pedaço” tal como caracterizado por Magnani (1984, 1996), pois “o espaço da festa inclui parte da casa ou casas vizinhas e também se estende ao espaço da rua, criando-se o espaço intermediário no qual se misturam o público e o privado” (RODRIGUES, 2008, p. 235). Portanto, a rua é vista como “espaço e suporte de sociabilidade”. A Passagem Pedreirinha do Guamá apresenta um cenário de circulação de pessoas com inúmeros motivos, dependendo das ocasiões ou dos eventos ou da época do ano em que esses ocorrem, incluindo-se situações de “trabalho, passeio, estudo, visita a parentes”, participação em festas ou eventos religiosos

ou ainda trabalhos ligados a desfiles de carnaval, cortejos juninos, entre outros (RODRIGUES, 2008, p. 237).

As orientações metodológicas oferecidas por Magnani (1996) são fundamentais à elaboração deste artigo, especialmente quando ele valoriza o lazer dos trabalhadores como indicativo privilegiado para a observação de campo, dado “um amplo e variado leque de usos do tempo livre nos finais de semana dos bairros de periferia”, em que se nota alguns componentes interessantes como “festas de batizado, aniversário e casamento, quermesses, comemorações e rituais religiosos, excursões de farofeiros, passeios, etc.” (MAGNANI, 1996, p. 12). A Passagem Pedreirinha do Guamá realiza, nesse sentido, uma série de encontros e atividades que valorizam cada vez mais as formas de sociabilidade que lá se manifestam.

Magnani (1996) também oferece sugestões para os trabalhos etnográficos realizados, particularmente quando se refere ao ambiente urbano como *ethos* do trabalho antropológico, considerando que a cidade propicia uma infinidade de possibilidades de trocas e contatos. Esse ambiente pode se referir a grandes cidades como São Paulo ou Belém, mas também pode se concentrar em um bairro como o Guamá ou uma rua como a Passagem Pedreirinha. Nele, encontram-se relações interpessoais que indicam ao estudioso dos caminhos antropológicos as mais variadas trilhas a percorrer, incluindo-se “a desigualdade social, a violência – desde a poluição sonora e visual, até a criminalidade, passando pelas conhecidas e gritantes contradições urbanas” que interferem na qualidade de vida das pessoas <sup>41</sup>.

A Passagem Pedreirinha do Guamá é um espaço privilegiado, pois nela se percebe com bastante vigor a “trama do cotidiano”, ou seja, aquilo que Magnani (1996) afirma como “a vida do dia a dia, a prática da devoção, a troca de informações e pequenos serviços, os inevitáveis conflitos, a participação em atividades vicinais”. Trata-se também de um lugar privilegiado para a prática do lazer, particularmente nos finais de semana e nos períodos de férias escolares, como acontece nos bairros populares. Portanto, encaixa-se perfeitamente como “pedaço”, onde se verifica também “o resultado de práticas coletivas (entre elas o lazer) e a condição para o seu exercício e fruição” em forma de eventos culturais e religiosos (p. 13). Desse modo, a categoria “pedaço” permite caracterizar o *locus* de investigação deste trabalho, no sentido de que “é possível constatar a existência de um componente afirmativo” na Passagem Pedreirinha, de onde se pode observar “o estabelecimento e reforço de laços de sociabilidade, desde o núcleo familiar até o círculo mais amplo que envolve: amigos, colegas, ‘chegados’ (no âmbito do pedaço) e desconhecidos (fora do pedaço)” (p. 14).

Os ensinamentos desse autor são também decisivos em relação à sua proposta didática de ensinar formas metodológicas de ação do pesquisador na realização de

um trabalho antropológico, principalmente quando propõe várias fases para essa atividade. Exemplificando, foi possível a utilização de instrumentos como “caminhadas, observação direta e classificação”, e ainda foi possível “treinar e dirigir o olhar” diante de “uma realidade inicialmente tida como familiar e conhecida”, a partir do estabelecimento de um plano previamente para “um caminhar mais lento que o usuário e mais regular que o do passeante” (MAGNANI, 1996, p. 16). Por isso mesmo, a pesquisa de campo impregnou-se “pelos estímulos sensoriais durante o percurso”, buscando sempre “o reiterativo, o padrão, a norma”, no sentido de realizar “uma captação da diversidade de uma rua”. E isso foi feito num primeiro momento através do “levantamento dos atores”, lançando-se mão da observação direta e da utilização de entrevistas em que foi possível captar traços de histórias de vida dos interlocutores (MAGNANI, 1996, p. 16-17) <sup>42</sup>.

Para melhor expor essa forma de observação, um exemplo pode aqui ser citado para ilustrar como a pesquisa de campo utilizou-se da observação direta. No primeiro dia de realização da festa de São Pedro e São Paulo (28 de junho de 2007 – às 19 horas), tinha-se a impressão de que, momentos antes do início dos trabalhos, diante de uma chuva torrencial que havia desabado sobre a cidade de Belém, não haveria a festa, realizada na rua a céu aberto. Contudo, com o passar do tempo, tudo começou a acontecer, aumentando-se a movimentação das pessoas na rua paulatinamente, apropriando-se os organizadores da festa e seus participantes do leito da rua. A partir daí, até com um pouco de atraso, ocorreu o evento e tudo aconteceu de acordo com a programação prevista.

Ao final das apresentações das atrações da festa, alguns “renitentes” reuniam-se em torno de uma caixa de som com um microfone, um cantor e seu violão e a reunião de amigos, vizinhos, parentes e chegados transcorreu normalmente até o amanhecer do dia. O dia seguinte foi usado pelos promotores para realizarem as brincadeiras de corrida de saco, quebra-pote, mela-mela, com a participação maciça de crianças, adolescentes e adultos, enquanto outros, às portas de suas casas, “jogavam um pouco de conversa fora”, uma forma de interação “bastante produtiva”.

Nota-se com isso como uma festa com caracteres juninos e religiosos possibilita o que Magnani (1996) caracteriza como “um sistema mais amplo de trocas e contatos entre estranhos, amplia os horizontes dos grupos familiares, domésticos, de vizinhança ou quaisquer outros fundados em laços de confiança pessoal e conhecimento direto” (p. 25). Nesse sentido, a interpretação de uma festa pode significar algo bastante concreto em termos de organização social, que implica considerar grandes teias de relações “societárias” através de trocas e contatos

<sup>41</sup> Um dos trabalhos que motivou a elaboração deste artigo foi a leitura do excelente artigo de Jean Hébert, intitulado “para não sermos engolidos no abismo”, publicado na imprensa de Belém e recomendado para leitura pelo Professor Samuel Sá, da Faculdade de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFPA.

<sup>42</sup> Com relação aos resultados obtidos com a técnica referida por Magnani (1996), foi possível captar informações, por exemplo, sobre as histórias da Escola de Samba Bole-Bole e suas influências no surgimento e desenvolvimento de projetos como o resgate do Boi Malhadinho do Guamá e da Escola de Samba Mirim Frutos do Xequerê, bem como do Bloco Carnavalesco Mexe-Mexe e suas relações com a festa de São Pedro e São Paulo.

imbricados na sociabilidade aqui referida. Segundo o autor, isso “caracteriza o fazer etnográfico no contexto da cidade (ou bairro ou de uma rua)”, inserindo-se um “duplo movimento de mergulhar no particular para depois emergir e estabelecer comparações com outras experiências e estilos de vida – semelhantes, diferentes, complementares, conflitantes – no âmbito das instituições urbanas, marcadas por processos que transcendem os níveis local e nacional” (p. 25).

Outro trabalho que facilitou o entendimento da sociabilidade festiva a partir das práticas culturais que ocorrem na passagem pesquisada no bairro do Guamá em Belém foi o de Rita Amaral (1998), ao analisar a “Festa à Brasileira”. Importa para este artigo a importância da festa por representar o que representa para os brasileiros. Isso é, a festa brasileira é apresentada pela autora como mediação ou “síntese de mediações” entre “as dimensões culturais, categorias e símbolos”. Segundo ela, “os brasileiros aos poucos se apropriaram da festa”, aproveitando-a como “momento de liberdade e ultrapassamento de limites”, sendo que os grupos menos privilegiados (negros escravos, índios e outros) sempre participaram e acabaram descobrindo ou “forçando pequenos espaços para sua inclusão e seus valores na cultura em formação”. Com isso, nota-se no decorrer do tempo que as festas possibilitavam “elaboração de identidade e solidariedade entre os diferentes, a ponto de fazer delas um modo de ação e participação”, presente na história brasileira (AMARAL, 1998, p. 7).

As formas de sociabilidade festiva existentes na passagem Pedreirinha, nos períodos de ocorrência da festividade de São Pedro e São Paulo, por exemplo, mostram bem essa aproximação dos indivíduos moradores ou não da passagem, a efervescência demonstrada nas atrações que se apresentam na festa, o que não deixa de ter a motivação religiosa, pois o evento inicia com uma ladainha dedicada aos dois santos homenageados, sendo erguido um altar na residência de Dona Elza Corrêa.

Com relação à participação das pessoas, cabe destacar os trabalhos desenvolvidos para garantirem a realização da festividade. As pessoas permitem o acesso às suas casas e sentem-se bastante recompensadas por isso; preparam os alimentos a serem consumidos, bem como organizam formas de dividir as despesas com a realização de um evento familiar, particular, como parte do evento maior que abrange a todos, sejam moradores ou não da passagem Pedreirinha<sup>43</sup>.

No caso do bairro do Guamá, é muito comum a reunião de amigos às portas das residências, nos bares, particularmente à época pré-carnavalesca, aos domingos à tarde, quando em determinadas ruas ocorrem desfiles de blocos de sujo, blocos carnavalescos e escolas de samba do bairro em preparativos para o desfile oficial. Essas pessoas se reúnem e dividem as despesas com comidas e bebidas. Na passagem Pedreirinha do Guamá, isso

também ocorre em épocas anteriores ou até durante o período carnavalesco, em que os blocos de sujo do bairro desfilam e fazem questão de passar pela rua. Nesse sentido, é um lugar usado pelas escolas de samba do bairro, como, a Bole-Bole e o Bloco Mexe-Mexe que lá estão situados, e a Tradição Guamaense, as quais sempre usam o espaço público em seus preparativos para o desfile oficial.

Além disso, cabe destaque especial para a participação das pessoas moradoras ou não da passagem quando ocorre a festa de São Pedro e São Paulo. Essas pessoas, além de participarem direta ou indiretamente da festa nos dias de suas realizações, sempre que podem, contribuem para que a festa ocorra. Atualmente, famílias que lá residem recebem convidados em suas residências, sendo as despesas divididas.

### Considerações Finais

O estudo de relações sociais na Passagem Pedreirinha do Guamá indica o alcance do objetivo principal deste artigo, ou seja, através de uma análise das formas de sociabilidade em espaço público, identificar ações culturais educativas como complementares à educação formal, junto a crianças, adolescentes e adultos que participam de manifestações de cultura popular na passagem, com a utilização de métodos especiais ou práticas de transmissão de saberes a esses participantes, considerando-se as possibilidades de geração de novas formas de sociabilidade festiva a partir da existência das manifestações culturais, suas produções e preservações, e a ampliação dos espaços rua/casa ou público/privado e vice-versa, visualizadas não apenas no aspecto lúdico, mas também nas formas de ação.

A maneira como foi conduzida a pesquisa etnográfica mostrou a interação ou “intensa convivência” entre os moradores da passagem Pedreirinha, bem como entre esses e pessoas oriundas de vários locais do próprio bairro do Guamá e/ou de outros bairros da cidade de Belém e até de fora dessa. Esses grupos de pessoas se relacionam através de redes de sociabilidade entre parentes e amigos, principalmente nos períodos de preparação e/ou realização dos eventos do carnaval e da quadra junina, acrescentando-se atividades durante o ano todo.

Observou-se que essas manifestações ocorrem em espaço público, na própria rua e estendem-se a outras artérias do bairro e até mesmo a outros espaços da cidade, além de penetrarem o interior das casas dos moradores ou das instalações da Escola de Samba Bole-Bole, uma espécie de espaço “semi-público”, onde se incluem, entre outras atividades, os ensaios e oficinas preparatórias dessa escola de samba para o desfile oficial promovido anualmente pela Prefeitura Municipal de Belém.

O espaço da escola de samba referida também é usado para a realização de diversos eventos, haja vista que esse espaço praticamente substitui, no bairro, a falta de logradouros públicos, tipo praças e quadras poliesportivas, por exemplo, na realização de campanhas públicas promovidas por órgãos ou entidades oficiais e filantrópicas, incluindo-se também eventos oficiais, como eleições, ou ainda eventos comemorativos promovidos por moradores da passagem, como aniversários, colações

<sup>43</sup> A festa do Círio de Nazaré em Belém também evidencia esse tipo de situação e abrange a cidade como um todo, ou seja, nas várias residências se organiza os “almoços do Círio”, convidando-se parentes e amigos a participarem, e, note-se, uma recusa a esse convite pode ter consequências bastante danosas às relações de amizade ou até mesmo de parentesco entre os envolvidos.

de grau ou festas para se angariar recursos para a própria escola de samba Bole-Bole, para blocos como o Mexe-Mexe, para a Escola de Samba Mirim Frutos do Xequerê, para o Boi Malhadinho do Guamá ou para a festa de São Pedro e São Paulo, eventos esses para os quais o espaço é sempre cedido quando existe disponibilidade.

As evidências etnográficas permitiram confirmar, no caso da Pedreirinha do Guamá, a constatação de Rodrigues (2008) sobre o bairro do Jurunas, em Belém, onde o espaço da festa envolve todo um conjunto que inclui as casas dos promotores dessa festa e as casas vizinhas, o que amplia o espaço da própria rua, gerando-se “um espaço intermediário no qual estão incluídos o público e o privado”, e assim, a rua se transforma num “espaço e suporte de sociabilidade”. A Passagem Pedreirinha do Guamá apresenta-se como um espaço em que as pessoas circulam com os mais diversos interesses, participação em festas, trabalhos preparativos para desfiles de carnaval, eventos juninos e religiosos, ou simplesmente situações de trabalho, passeios, estudos, visitas a parentes ou amigos.

Desse modo, as formas de sociabilidade, inclusive a “sociabilidade festiva” na passagem Pedreirinha, apresentam-se com um nível de abrangência muito maior do que simplesmente a ludicidade, pois incluem também um espaço de discussão e buscas de melhores alternativas para determinados problemas que se apresentam no decorrer dos diversos eventos ou em seus preparativos, em que são transmitidos saberes, com métodos especiais, pois os participantes devem dominar seus papéis nos eventos, mas também incluem a ação política dos participantes no sentido do enfrentamento de problemas que afetam a todos. Nesse sentido, os participantes podem criar e/ou participar de associações ou arranjos associativos com o objetivo de reivindicar direitos, soluções para os problemas da rua ou do bairro, ou simplesmente para a realização de um evento que abarca também o direito de reconhecimento de processos identitários por seus moradores.

Assim, práticas culturais e formas de sociabilidade envolvem mobilização de recursos “sociais e simbólicos” para o alcance de objetivos que permitem racionalizar o uso de alternativas à concretização das mais diversas formas de ação diante dos problemas enfrentados pela coletividade moradora da Pedreirinha. As relações entre as práticas culturais e alternativas de sociabilidade que daí decorrem correspondem também a formas de ação diante da realidade social, demonstrando que o trabalho com cultura popular envolve “ação e transformação” dessa realidade.

Chama a atenção positivamente o trabalho desenvolvido com a inclusão de crianças e adolescentes em situação de risco nos projetos de resgate do Boi Malhadinho do Guamá, com 21 anos de existência, assim como no projeto Xequerê, de onde se origina o trabalho com a Escola de Samba Mirim Frutos do Xequerê. Trata-se de um importante trabalho que se iniciou na Escola de Samba Bole-Bole e hoje vem sendo mantido de forma precária, com seus promotores tendo que assumir compromissos quase sempre fora de suas possibilidades financeiras para manter o projeto.

O contexto analisado permitiu vivenciar métodos especiais aplicados para ensinar e/ou facilitar as aprendizagens das crianças e adolescentes que participam da Escola de Samba Bole-Bole, do Bloco Carnavalesco Mexe-Mexe, da Escola de Samba Mirim Frutos do Xequerê e do Boi Bumbá Malhadinho do Guamá, métodos esses que os incentivam a buscar aprender práticas culturais educativas que vão além das ações formais de ensino/aprendizagem, pois ajudam a fortalecer suas noções de cidadania. Existem práticas especiais de ensino-aprendizagem, para que os participantes aprendam ofícios que incluem marcenaria, trabalhos de elaboração de instrumentos de percussão, composições musicais, domínio de instrumentos de cordas, como violão e cavaquinho.

Durante o trabalho de campo, acompanhou-se essas práticas, em reuniões que serviram para organizar os cortejos culturais, entre outras atividades. Nessas ocasiões, foi possível constatar como um trabalho desenvolvido com seriedade e perspicácia pode gerar resultados significativos, não só para as atividades em si, mas também para a cultura popular de Belém e do estado do Pará. Infelizmente, constatou-se também um estado de penúria em que se encontram as possibilidades de trabalhos tão importantes como esses por falta de recursos, o que põe em questionamento a implementação de políticas socioculturais tais como ocorrem em nossa sociedade.

Por outro lado, as inferências deste artigo demonstram várias formas alternativas para mostrar que uma prática de ensino/pesquisa/extensão não pode se fixar apenas em acompanhar o processo de aprendizagem em seus aspectos formais “tradicionais”. Há que se levar em conta outras práticas que têm a ver, dentre outras coisas, com a proposta de Carvalho (2000), quando enfatiza a necessidade de se olhar a questão da aprendizagem não no sentido de uma “escola em tempo integral”, mas de uma “jornada educacional em tempo integral”, em que se considere também as alternativas que crianças e adolescentes têm para aprender fora da escola, dentre elas nas várias manifestações da cultura popular, seja de suas ruas, de seus bairros e até mesmo de suas próprias famílias e escolas.

Com isso, ressalta-se a necessidade de se estudar todas as formas possíveis de solidariedades e de sociabilidades que não incluem apenas a escola e a família que, decerto, devem ser reforçadas e protegidas, mas também outras metodologias e maneiras especialmente ligadas à cultura popular, das quais as crianças e adolescentes tanto gostam de participar, gerando possibilidades de encaminhamentos compensadores em sociedades tão desiguais como as nossas. É preciso ter sempre em foco as lições de Freire (2008) sobre a relação que a escola deve ter com a realidade social, enfatizando que a escola é o *locus* onde ocorrem as ações conjuntas do ensino-aprendizagem e de pesquisa, além das interferências conscientes do educador e do investigador que muito têm a contribuir para a mudança pretendida na sociedade. Segundo Freire, a primeira condição para o compromisso com a mudança da sociedade ou da realidade social se concretiza quando o profissional é “capaz de agir e refletir”, isto é, “estando no mundo saber-se nele” (p. 16-25).

## Referências

- AGIER, Michel. Lugares e redes – As mediações da cultura urbana. In: **Além dos territórios**. Ana Maria de Niemeyer e Emília Pietrafesa de Godoi (orgs.). Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998 (p.41-63).
- AMARAL, Rita. **Festa à brasileira**. Tese (Doutorado em Antropologia), USP, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e Renascimento**. São Paulo: Hucitec; Brasília:Edunb, 1999 [1977].
- BAUMAN, Zigmunt. Identity in the globalising world. In: **Social Anthropology, European Association of Social Anthropologists**, Vol.9, Issue 2, June 2001 (p.121-129).
- \_\_\_\_\_. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012 [1975].
- BURKE, Peter. **A cultura popular na Idade Moderna. Europa, 1500-1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989 [1978].
- CARVALHO, M. C. Brant. O lugar da família na política social. In: **A Família Contemporânea em debate**. Maria do Carmo Brant de Carvalho (org.). São Paulo: EDUC/Cortez, 2000.
- COSTA, Antonio Firmino. **Sociedade de bairro: dinâmicas sociais da identidade cultural**. Oeiras: Celta Editora, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. O cotidiano de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987 [1976].
- GRAMSCI, Antonio. Osservazioni sul folclore (1929-1935). In: **Quaderni del carcere. Edizione critica dell'Istituto Gramsci. A cura di Valentino Gerratana** [QEC, 1975]. Edizione elettronica a cura dell'International Gramsci Society, v. 1.0 [s.d.].
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2000 [1992].
- HÉBETTE, Jean. **Para não sermos engolidos no abismo**. Artigo publicado na imprensa de Belém, s/d.
- KROEBER, Alfred; KLUCKHOHN, Clyde. **Culture: a critical review of concepts and definitions**. New York: Vintage Books, 1952.
- MAGNANI, José Guilherme. **Festa no pedaço**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- \_\_\_\_\_. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: **Na Metrópole Textos de Antropologia Urbana**. São Paulo: NAU/EDUSP, 1996 (p. 15-53).
- \_\_\_\_\_. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17 nº 49, 2002 (p.11-29).
- OLIVEIRA, Alfredo. **Carnaval paraense**. Belém: SECULT, 2006.
- FERREIRA, Clélio Palheta. **Sociabilidade e espaço público: Experiências de Ações Culturais Educativas na Passagem Pedreirinha do Guamá – Belém-PA**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais, ênfase Antropologia), IFCH/UFPA, 2012.
- RODRIGUES, Carmem Izabel. **Festas populares em Belém: sociabilidade festiva e práticas culturais em espaço urbano**. Projeto de Pesquisa, PROPESP/UFPA, 2007.
- \_\_\_\_\_. 2008. **Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano**. Belém: Editora do NAEA.
- RODRIGUES, C. I. & FERREIRA, C.P. **Sociabilidade festiva e espaço público em Belém-Pará**. Relatório de Pesquisa, PROPESP/UFPA, 2008.
- SIMMEL, Georg. **Sociologia. Grandes Cientistas Sociais**. São Paulo: Ática, 1983.

## Sobre os autores

### Clélio Palheta Ferreira

Mestre em Ciências Sociais-Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais-PPGCS da Universidade Federal do Pará; Bolsista PARD/PROPESP (2007).

### Carmem Izabel Rodrigues

Doutora em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco; docente da Faculdade de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais-PPGCS da Universidade Federal do Pará

Recebido em: 08/10/2013

Aceito para publicação em: 21/12/2013